

O PAPEL DA MISTIÇAGEM NA PRODUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

TAÍS CASTRO GARCIA¹; CESAR AUGUSTO FERRARI MARTINEZ²;

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – taigarcia0111@gmail.com 1

² Universidade Federal de Pelotas– cesarfmartinez@yahoo.com.br 2

1. INTRODUÇÃO

“Parece mais brasileiros, então é bem misturado”: essa frase foi dita por uma usuária de testes de ancestralidade genética durante uma entrevista. A partir desta simples fala, podemos observar uma relação de equiparação entre a ideia de ser brasileira e mestiçagem; uma noção identificada em outras entrevistas também. Nesse trabalho, argumentamos que essa concepção sobre uma identidade brasileira mestiça é rastreável a certas políticas de Estado. Tais políticas atuam como modo de produzir uma consciência nacional, reiterando entendimentos do brasileiro como alguém que se constitui a partir de grupos externos ao próprio território. Assim a mestiçagem é instaurada como um dispositivo instalado no fenótipo das populações, usando as racialidades dos indivíduos como agência dessa identidade “misturada”.

A mestiçagem entra no discurso do Estado na forma de uma racionalidade política, exercendo um poder sobre os corpos mestiços, uma produção imaginada sobre esses e seu papel na construção do Brasil como nação. Esse dispositivo respondeu às novas estratégias do projeto de embranquecimento no Brasil: a incorporação da população mestiça ao processo de constituição de uma identidade nacional. Tal movimento reconheceu a presença daqueles que deveriam ser o rito de passagem entre a negritude não desejada e a sonhada branquitude. Desse modo, a mistura se torna a cara do Brasil. Para Carneiro (2023, p. 24), “Ao se constituir, um dispositivo fica disponível para ser operacionalizado em diferentes circunstâncias e momentos, se autorreproduzindo mediante seu preenchimento estratégico”. Ou seja, as falas que presenciamos, ainda hoje, e que evocam esse “Brasil misturado” como uma forma de descrever a população brasileira remontam aos anos 1930 e seguem sendo revitalizados.

Ideias sobre mestiçagem, raça e pureza continuam sendo pauta dos entendimentos sobre ser brasileiro, mas agora travestidos de um dado discurso cientificista: a ancestralidade genética. Sendo o Brasil o país “das misturas de povos”, torna-se um mercado interessante para as empresas que comercializam os testes de ancestralidade genética. Os laboratórios que comercializam os testes interpelam os corpos não brancos partindo do pressuposto que sobre eles paira uma “dúvida racial”, presumindo que os corpos privilegiados são corpos estáveis. Para Neto e Santos (2011, p. 230) “Na quase totalidade dos casos, essas empresas apresentam seus produtos como revelações que permitirão a um indivíduo, uma família ou mesmo uma comunidade descobrir o que, ‘de fato’, e por que não, ‘de direito’, eles são.” Nesta perspectiva, analisamos como os testes de ancestralidade a partir do uso da confirmação genética se instauram produzindo subjetividades nos sujeitos sobre suas relações com o território.

A identidade espacial brasileira, em nossa análise, vai além de pensar as identificações estabelecidas pelas fronteiras que delimitam o território. Procuramos também investigar a produção da mestiçagem como dispositivo

subjetivado pela população e, nesse momento, capturado por um domínio genético. Conforme Silva (2014, p. 81), “O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A Identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”. Portanto neste trabalho nos dedicamos a realizar uma análise com usuários de testes de ancestralidade genética que buscam desvelar as origens de suas mestiçagens, buscando compreender como o dispositivo da mestiçagem vem sendo revigorado pelas empresas e seus usuários.

2. METODOLOGIA

Os dados aqui analisados são produto da pesquisa “Os efeitos dos testes de ancestralidade genética no pertencimento geográficos dos usuários”, realizada pelo grupo de pesquisa Espaço, Conhecimentos, Corpos (Escopo) vinculado à Universidade Federal de Pelotas. O grupo tem como objetivo mapear os efeitos do produto nos imaginários geográficos dos usuários, contatando voluntários que compartilhem suas impressões, experiências e interpretações sobre o teste e seus resultados. Estes participantes passam por duas entrevistas. A primeira, antes de realizar o teste, de teor mais biográfico, busca que os participantes falem de si e de suas trajetórias familiares e mapeia suas expectativas sobre os resultados. A segunda, realizada após já estarem em posse dos resultados, pretende compreender como esses afetam os imaginários dos usuários sobre si e seus espaços.

Dentro do propósito geral, cada pesquisador do grupo, a partir dos seus entendimentos, busca aprofundar certas temáticas conforme o interesse que se desdobra nas análises. Este trabalho, especificamente, visa analisar as relações entre os testes e o discurso da “mistura racial”, buscando nas entrevistas elementos a partir dos quais os participantes estabilizem ou desestabilizem ideias de raça, etnia, pureza e mestiçagem. Mais além, como isso é associado a entendimentos sobre a identidade brasileira e como as empresas, a partir de seus discursos e propagandas, promovem a relação entre território e genética. A produção da mestiçagem sempre esteve presente nas subjetividades que compõem a identidade brasileira, contudo, agora elas são acionadas por um discurso contundente de verdade – o discurso genético.

A produção dos dados que serão apresentados ao longo desse texto é referente às primeiras entrevistas realizadas com um total de 13 participantes. Nesse trabalho, selecionamos trechos respectivos a duas dessas entrevistas para analisarmos como os usuários produzem duas categorias: a noção de *ser brasileiro* e a resposta à questão de se são ou não brasileiros. Essas categorias buscam compreender onde os participantes estabilizam a identidade brasileira, e onde essa é desestabilizada, por meio de quais dispositivos eles realizam colocações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui, serão analisadas duas entrevistas realizadas na cidade de Pelotas, organizadas em duas categorias de análise: “Ser brasileiro” e “Sou brasileiro”, conforme apresentado no quadro a seguir. As duas participantes se autodeclararam brancas e relataram uma narrativa prévia aos resultados dos testes de possuírem uma ancestralidade europeia.

Quadro 1 – Síntese das falas dos usuários selecionados

Voluntários	Ser Brasileiro	Sou Brasileiro?
Maria	<p>“Parece mais brasileiros, então é bem misturado”</p> <p>“Eu digo, que também era dessa linhagem deles, um pouco bugre”.</p>	<p>“Porque, assim, já tem muitas gerações que a gente sempre vem aqui do Rio Grande do Sul..., aqui mesmo do Rio Grande do Sul. Então, toda a minha cultura é daqui tudo que eu conheço é daqui, então eu me considero bem mais brasileira.</p>
Daniela	<p>“O Brasil é essa miscelânea de gente que veio, que não era para ter vindo, mas veio e está ali. Então português, italianos, indígenas de outras tribos que vieram também arrastados para cá, então é basicamente isso o Brasil é uma mistura.”</p>	<p>“Me considero 100% brasileira, porque o Brasil é isso gente que venho fugindo..., gente que veio arrastada..., gente que veio procurando oportunidade melhor”.</p> <p>“Onde seria uma descendência brasileira? A descendência brasileira teria que ser a de um indígena nato brasileiro e eu não sei notícias de indígenas na minha família.”</p>

A fala das duas participantes sugere que a mestiçagem é vista como uma característica central da identidade brasileira. Embora suas falas estejam vinculadas a uma narrativa histórica do Brasil, também fica evidente a relação entre genética e raça. Quando os voluntários discutem a identidade brasileira, ao caracterizá-la, eles acionam o discurso da mestiçagem

Ao longo da entrevista, quando o dispositivo da mestiçagem vai se revelando nas falas, as subjetividades desses sujeitos se mostram em jogo. Em um primeiro momento, emerge o discurso histórico do Estado brasileiro para caracterizar esse “eu social” que estabiliza a si e ao resto da população na categoria “identidade mestiça”. Quando entra em ação o teste de ancestralidade, que tem por função atribuir resultados próprios e pretensamente exatos àquele sujeito, as entrevistadas retornam às categorias que pressupõem uma ideia ontológica de raça. Como é expresso pela voluntária 2: *“Onde seria uma descendência brasileira? A descendência brasileira teria que ser a de um*

indígena nato brasileiro e eu não sei notícias de indígenas na minha família.” As narrativas entram em divergência com uma história repleta de apagamento, mas também entra no âmbito de pureza genética, onde os participantes estabilizaram a origem “pura” que seria a europeia e com isso o Brasil não teria uma descendência própria, pois não possui essa “pureza”.

Mas quando as participantes se confrontam com a narrativa de confirmação genética dos testes, noções como as de “pureza” e “descendência brasileira” podem existir a partir de uma linhagem genética com os povos originários. Portanto o dispositivo da mestiçagem as insere no território e cria uma identidade espacial ao mesmo tempo que as coloca para fora do território e dessa identidade, já que a “mistura” seria um quebra-cabeças a ser montado. Assim vemos a subjetividade dos participantes sendo disputados na narrativa da nação e na “confirmação genética”.

4. CONCLUSÕES

A identidade nacional não é orgânica e natural, mas criada pensada e executada por meio de dispositivos, quando essa é estruturada sobre uma narrativa racializada de mistura de raças, e sobre ela paira os apagamentos históricos a respeito dos indivíduos que estavam antes nos territórios ou aqueles que vinham para cá de forma não espontânea. Isso deixa lacunas em seus imaginários sobre e sua relação com o este território, assim quando se deparam com um produto que se vende exatamente sobre estas fragilidades de histórias apagadas, devemos pensar quais as consequências em suas subjetividades. À medida que as empresas conectam genética e território, surgem idealizações de espaços com homogeneidade genética e estabilidade territorial. No entanto, sabemos que a história da humanidade é marcada por disputas territoriais e migrações constantes de populações. Assim como um teste genético pode apontar lugares de origem, isso só é viável ao se adotar uma perspectiva que reconhece a existência de “raças” em um sentido biológico, assumindo que, em determinados lugares, populações teriam se mantido “puras” e estáveis naquele território

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença:** A perspectivas dos estudos culturais. Vozes, 2014.

GASPAR NETO, Verlan Valle; SANTOS, Ricardo Ventura. Biorrevelações: testes de ancestralidade genética em perspectiva antropológica comparada. **Horizontes Antropológicos**, v. 17, p. 227-255, 2011.